

cterísticos da crise neurotomica, signaes na sua quasi totalidade vagotonicos.

Assim quando os dous grupos soffrem estimulo igual, o vago se avanta e domina a situação.

Entenda-se por vago, aqui todo o departamento craneosacro, do systema e não exclusivamente, o Xº par que, é, aliás, o mais importante incontestavelmente.

Resultado de uma operação de Steinach

Pelo Dr. Frederico Falk

Em principio do anno passado fui procurado por um cidadão de côr branca, viuvo, com 61 annos de idade, natural da Polonia, de profissão mecanico e residente nesta capital.

Vinha tratar-se de um antigo estreitamento de urethra, com cystite consecutiva. Submetti-o á dilatação gradual, administrando-lhe ao mesmo tempo antisepticos urinaes. Ao cabo de dois mezes estava restabelecido destes incommodos. Restava ainda uma pequena hydrocele do lado esquerdo.

Quando lhe propuz a operação, o paciente, com grande surpresa minha, pediu-me que aproveitasse a occasião para simultaneamente lhe fazer a operação de Steinach. Fazia uns 5 annos que "não se sentia mais homem", mas o que mais o impressionava era uma certa inaptidão para o seu officio: cansava depressa, tinha dyspnêa de esforço e era sobretudo bastante tremulo, o que lhe dificultava a execução de trabalhos mais delicados.

A seu vêr, para este estado muito concorriam as polluições nocturnas de que era victima.

Um exame minucioso revelou a integridade dos diversos órgãos, havendo apenas um certo grão de arterio-esclerose, de accordo com a idade do paciente.

Assim mesmo, lutei a principio, declarando, ainda não se haver dito a ultima palavra sobre o assumpto; que o resultado da operação poderia não ser satisfactorio e que, nessas condições, parte do insuccesso costumava recahir sobre o operador, etc. O candidato, no emtanto, não se deixou demover de seu intento, argumentando com vigor e mostrando conhecer bem o assumpto pela leitura dos jornaes de sua terra. Sabia que, ao lado de insuccessos, innumerados eram os casos coroados de exito. Por precaução propunha a operação para um lado só, ficando o outro para todas as eventualidades.

Finalmente capitulei e no dia 27 de Maio, com assistencia dos collegas Franco e Blessmann, operei a hydrocele pelo processo de Jaboulay. Um pequeno kysto situado na cabeça do epididymo, foi incisado.

Accrescente em seguida a operação de Steinach, a qual, como se sabe, consiste na ligadura do epididymo, bem proximo ao testiculo. Tendo encontrado alguma difficuldade para praticar a ligadura no ponto indicado, devido a fortes adherencias entre aquelle eorgão e o testiculo, appliquei a ligadura na porção média do epididymo. Por precaução, accetando o conselho de um collega, fiz a resecção de uma pequena porção do canal deferente, entre ligaduras, segundo outra technica de Steinach.

No sexto dia pude dar alta ao operado, passando tempos sem vê-lo. Afinal appareceu-me no consultorio, em companhia de uma viuva, pedindo tratalla por conta delle. Achei o facto um tanto significativo.

Quanto ás sequencias operatorias, declarou ter feito

ausencia muito de proposito para poder trazer-me noticias agradaveis.

Por enquanto tudo ia bem, mas que tivesse paciencia, a resposta definitiva viria mais tarde, por signal que minuciosa.

Só então eu soube que o paciente estava fazendo uma auto-observação em rigor.

Assim por exemplo, antes da intervenção, elle não se esquecera de tirar o retrato, de tomar seu peso, de medir sua força muscular e até de assentar os intervallos de um corte de cabellos a outro, tudo de accordo com as informações dos jornaes que lêra.

Afinal chega o grande dia.

Ao entrar na enfermaria no dia 3 de Novembro, depara-se-me um quadro singular: Um grupo regular de collegas e estudantes e, em meio delles, o nosso homem, com uma folha de papel almasso na mão e de uma loquacidade que nunca lhe tinha notado. Vinha trazer seus agradecimentos.

Estava satisfeitissimo.

Havia escripto verdadeiro relatorio, de mistura com seus agradecimentos mais que ardentes. Tendo-o mostrado a um moço, de origem italiana, este achou-o muito prolixo, algum tanto confuso e cheio de repetições, propondo-se para fazer um resumo mais em condições. Foi pena, porque muitas particularidades se perderam.

Assim mesmo, acho interessante conceder a palavra ao velho rejuvenescido, transcrevendo "ipsis verbis" suas informações, supprimidos apenas seus agradecimentos exagerados.

"Adoentado a mais de 5 annos, cheguei a sentir as primeiras aproximações da minha velhice, e os seguintes sintomas. Constante debilidade, cansaço corporal, falta de appetite e de respiração, fortes enxaquecas, perda de memoria, enfraquecimento muscular, diminuição de peso e enfraquecimento dos órgãos genitais, deixando-me tudo isso em continua tortura, como por completo desaparecimento da minha idade de 61 annos.

Andava aborrecidissimo, quando li em um jornal russo um artigo do dr. A. Goslowsbago uma nova descoberta de cura pelo Professor do Instituto Viennense dr. F. Steinach por processos e recursos cirurgicos que constituam uma operação no canal do vaso deferens. Meditei sobre o caso e não vacilei em arriscar minha vida e offercer-me a um especialista para deixar-me seguir a operação...

O dr. Falk operou-me segundo o processo do professor Steinach e cuja operação correu admiravelmente bem. Já 5 mezes que fui operado e sinto-me completamente restabelecido do passado. O meu appetite voltou devorador, em peso augmentei 6 kilos, a falta de respiração desapareceu, o vigor genital, renasceu-me, ando sem me cançar e não me fatigo facilmente, a musculatura renovou-se consideravelmente, as mãos não me tremem, e jamais sinto enxaquecas, e nem tenho polluições nocturnas como tinha.

Sou obrigado a frequentar o barbeiro varias vezes por semana, porque os cabellos me crescem com rapididade ("cest trop fort ! Evidentemente um lapso de redacção") e os meus amigos e conhecidos me fallam de achar-me forte e com vida rejuvenecida, enfim posso affirmar que esta operação deu optimissimo resultado e sinto-me sem exageração alguma como um moço na flôr da idade.

Por ser verdade quanto affirmo, em honra de gratidão venho por meio destas singelas linhas trazer os meus mais profundos agradecimentos etc. etc."

Não sei, si de parte do paciente não haveria exaggero na apreciação dos resultados colhidos, mas é facto que suas declarações foram absolutamente espontaneas e me chegaram ás mãos, sem serem esperadas. Verbalmente o velho-moço ainda nos referiu varias minuciosidades que deixo de reproduzir, por não as ter de memoria de tal modo que possa garantir sua absoluta veracidade. Acho, porém, que a reproducção do agradecimento é sufficiente para mostrar os bellos resultados obtidos na primeira operação de Steinach realisada neste Estado e quiçá no Brasil.

Actualmente o "rejuvenescido" está em viagem de recreio para sua patria. Despedindo-se de mim, fel-o com as seguintes palavras:

"Foi bom termos operado só um lado.

Por enquanto não necessito de mais. Mais tarde, em caso de necessidade, poderemos então operar o outro lado".

LINGUAGEM MEDICA

pelo Dr. Raul Pilla

ASSESTAR

Frequente é o emprêgo, entre nós, do verbo **assestar**, no sentido de *localizar*, *situar*. Assim, quando se quer dizer que um tumor está situado no fígado, afirma-se que está *assestado*, e não, *posto*, *situado*, *localizado* naquelle *órgão*. Numerosos exemplos de tal prática poderia eu citar, se valesse a pena rebuscar livros e revistas.

Evidente, entretanto, é o erro que tal uso envolve. **Asses-****tar** nunca teve na lingua portuguesa o significado que o nosso calão médico lhe quer emprestar. Nem por extensão, movimento próprio e característico das palavras vivas, se poderia explicar a applicação que se está dando ao vocábulo.

Com efeito, muito diferente é na realidade o significado verdadeiro da palavra e dêle não há transição possível para a acepção, em que a estamos empregando em medicina. Vejamos o que consignam os dicionários da lingua.

Diz Figueiredo: "*Assestar*, verbo transitivo — apontar, dirigir contra alguma cousa. (B. latim *assistare*, de *ad* + *sistere*).

Refere, de maneira ainda mais clara, Caldas Aulete: "*Assestar*, verbo transitivo — apontar (diz-se das bocas de fogo e das cousas que com elas se comparam); pôr na direcção de: "Tomé, de óculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou-lhe em voz açucarada (Rebêlo da Silva)."

"*Assesto*, substantivo masculino — acto de assestar, pontaria."

Bastam estas citações, creio eu, para demonstrar o erro, em que incorrem os que dizem e escrevem: *o tumor, a lesão estava assestada em tal parte*.

Na há afinidade nenhuma entre as duas acepções, a normal, e a que lhe emprestaram: uma implica direcção, movimento *para um lugar*; a outra permanência, sede, *lugar onde*.

Assestado pode estar um binóculo, um telescópio, mas uma lesão em caso nenhum poderia estar assestada. **Situada, assentada, posta, localizada** é que póde e deve estar.

Como explicar, porém, o vicioso emprêgo daquele termo, se tão distanciado está êle da verdadeira significação da palavra?

Parece não oferecer dificuldades a explicação. Empregam os franceses no mesmo caso o substantivo *siège*, assento, e o verbo *siéger*, assentar, ter assento.

Semelhantemente, dizemos em português: *a aldeia assenta ou está assentada nas faldas do monte*; como poderíamos dizer

também: *o tumor assenta ou está assentado na região mamária*.

Entre *assentar* e *assestar*, a confusão é fácil, mas nem por isso justificável, quando se trata de pessoas cultas. Dest'arte se explicaria o erro de enpregar **assestar** por **situar**, **localizar**, **pôr**, **assentar**, etc., erro que merece ser corrigido, a bem da nossa cultura.

CORTEX E CORTICA

A duas considerações se presta o vocabulo **córtex**, empregado geralmente para significar a camada superficial e cinzenta do cérebro: uma relativa á forma e outra relativa ao género.

Córtex, gen. *corticis*, é em latim um nome da terceira declinação, e de género masculino, como o são também os seguintes nomes de idéntica terminação: *apex*, *grex*, *index*, *podex*, *vertex*, *vibex*, *vortex*.

Sem embargo, porém, de ser masculino em latim, alguns médicos o fazem feminino em português, dizendo **a córtex**. Nada existe, que autorize semelhante uso. Masculino deve ser este vocábulo pela sua etymologia, como masculinos são também *index* ou *índice*, *pódice*, *vértice*, etc.

Os dicionários da lingua não registam o vocábulo, mas, a sancionar a doutrina, sustentada já por Cândido de Figueiredo e Plácido Barbosa, basta um exemplo de Herculano, que, no "Eurico", empregou a palavra no género masculino.

Parece, pois, que, quanto ao género, nenhuma dúvida mais devera subsistir: é **o córtex** e não **a córtex**.

Quanto á forma, muitíssimo preferível a **córtex** é **córtice**, de acôrdo com as leis gerais de derivação.

Com efeito, os substantivos portuguezes de origem latina provêm geralmente do acusativo: *idade*, de *aetatem*, *leão*, de *leonem*, *leões*, de *leones*, etc. Exceptuam-se apenas poucos substantivos, geralmente de formação erudita, como *atlas*, ou nomes próprios, como *Apolo*, *Juno*, *Cícero*, *Cartago*, *Nero*, etc.

Ora, o acusativo **corticem** só poderia dar em português **córtice**, como **verticem** deu **vértice**, **apicem** deu **ápice**, **podicem** deu **pódice**, etc.

Verdade é que, por ser **cortex** um termo erudito, se lhe poderia invocar a derivação do nominativo e não a do acusativo. Mas aquella derivação não é a geral e tem ainda o inconveniente de deixar algumas vezes ás palavras uma forma pouco acorde com o génio da lingua. Antes que incorporar-se e identificar-se ao idioma vernáculo, permanecem elas encravadas, como verdadeiros corpos estranhos.

Latex, *vertex*, *index*, *pontifex* etc. serão em verdade vocábulos portuguezes ou, antes, latinos? Evidente é que latinos.

Mas, ainda que assim não fôsse, porque dizer *cortex*, quando se diz *índice*, *ápice*, *vértice*, *pódice*, *vórtice*, etc.?

Assim, evidente se torna que a verdadeira forma portuguesa é **o córtice** e não *o córtex* e, menos ainda, *a córtex*.

Dêste parecer é Plácido Barbosa, quando diz, em seu Dicionário: "*cortex* poderia ser aportuguesado com a forma **córtice**, no género masculino, como já se fez para *índice*, etc...; o género feminino é que se não deve dar nem *a córtex*, nem *a córtice*."

Mas, como em tudo deve haver justa medida, não parece que se deva ir além disto, como faz o prof. Austregésilo, dizendo não mais **córtice**, mas **cortica cerebral**.

Cortica é um vocábulo de formação popular, derivado de *cortex*, e corresponde ao italiano **corteccia**. Os italianos dizem indiferentemente *corteccia* ou *cortice cerebrale*. Parece, pois, que em português também não ficaria mal dizer **cortica cerebral**.

Mas *corteccia* é em italiano um termo de sentido mais largo que o português *cortica*. *Corteccia* é sinónimo de *scorza*.